

LABIRINTOS DE LIBERDADE — AMBIENTES DE CLANDESTINIDADE EM INGLATERRA NA VIRAGEM DE OITOCENTOS¹

Hélio Osvaldo Alves

UNIVERSIDADE DO MINHO

"Canta e reúne-te, reúne-te e canta e cair-te-ão as
Algemas tal como Fio queimado."

Thomas Evans, Sociedade dos Filantropos Spenceanos, 1811.

William Lovett, humilde carpinteiro natural de uma aldeia da Cornualha, na ponta ocidental da Inglaterra, decidiu abandonar a sua região natal aos vinte e um anos de idade para procurar na grande metrópole de Londres a realização do seu sonho de homem simples — um emprego, a melhoria da sua situação económica, já que a Cornualha pouco podia oferecer que anunciasse essa melhoria. Chegado a Londres em 1821, no início balbuciante da recuperação económica da Inglaterra do pós-guerra, as dificuldades com que teve de arrostar, mesmo nessas circunstâncias em vias de se tornarem favoráveis, foram tremendas. O imediatismo das necessidades de mera sobrevivência fizeram-no descurar, conscientemente, as coisas do espírito que tanto lhe interessavam já. No caminho do seu desenvolvimento intelectual encontravam-se atravessadas as suas expressões dialectais bem como o seu confessado "mau inglês", indicadores estes que o marcavam também socialmente de forma indelével.

Em meados da década de 1820, Lovett seria levado por um amigo a uma pequena associação literária intitulada "Os Liberais", composta de trabalhadores que se cotizavam semanalmente a fim de irem construindo uma pequena biblioteca seleccionada, ao usufruto da qual todos teriam acesso. Apesar de esta ter sido uma porta que lhe abriu imensas possibilidades, contribuindo mais tarde para a sua transformação em grande impulsionador

¹ Com algumas alterações e adaptações, este artigo constitui um dos capítulos do livro da minha autoria a publicar durante o Outono de 2002, *As Carroças da Subversão. A Influência da Revolução Francesa em Inglaterra (1803-1822)*, Vol. II, Figueira da Foz, Cemar.

da educação popular e das bibliotecas populares para as classes trabalhadoras, não foi este passo, verdadeiramente, e embora sendo o inicial, que lhe abriu a mente para as realidades e vantagens do conhecimento. Mas foi a passagem desta porta que lhe permitiu encarar de frente este conhecimento.

"Os Liberais", designação que não tinha qualquer conotação política em termos de partido, pois que este termo não estava ainda ligado a qualquer formação política nessa época, reservavam uma das duas vezes em que se reuniam por semana para encenarem então a atmosfera de uma espécie de clube de debates, onde se discutiam temas de pendor literário, político ou metafísico. A designação que tinham escolhido para si mesmos espelhava, pois, a liberalidade das mentalidades que esperavam poder fomentar por meio das leituras e dos debates de temática pouco programada e, quiçá, aleatória.

Sem ter qualquer noção quanto ao local para onde ia, Lovett foi levado por esse amigo para assistir à discussão de um destes temas. Na noite em causa, para cúmulo dos cumulos, discutia-se o problema da alma humana. Era a primeira vez, confessa Lovett na sua autobiografia, que ouvia alguém falar de improviso fora de qualquer púlpito da sua Cornualha natal. Sempre acreditara que quem falasse do alto desse local sagrado o fazia por óbvia inspiração divina. Daí que a excelência dos discursos profanos que ouviu nessa noite, e que lhe mereceram a melhor atenção, lhe provocaram uma impressão inapagável — a de que, pela primeira vez na sua vida, via como era ignorante e como não sabia sequer utilizar quaisquer argumentos que fundamentassem as opiniões e as esperanças que acalentava.

A abertura desta inusitada possibilidade lançaria Lovett, o carpinteiro de uma região sub-desenvolvida, na sua demanda de "Pão, Saber & Liberdade", em leituras totalmente absorventes, encaminhando-lhe mais tarde os passos para as atractivas palestras científicas do Instituto dos Trabalhadores e, mais significativamente ainda, para as agitadas sessões dos mais famosos clubes de debate da década, sediados em conhecidos cafés e tabernas. Tirar à boca para poder comprar livros tornar-se-ia também um verdadeiro vício, fisicamente pouco saudável, constituindo-se numa das características principais, senão a mais emblemática, das pessoas humildes cujas vidas, como a de Lovett, a fome de saber alteraria por completo.

Samuel Bamford, o tecelão a quem E. P. Thompson chamaria "o maior cronista do radicalismo do princípio do século XIX" na Inglaterra, tinha já atravessado, sensivelmente uma década antes, uma experiência semelhante. Nos princípios de 1817, quando Bamford desenvolvia o seu sentido de acção política que viria a colocá-lo nas primeiras linhas do

radicalismo do seu tempo, — até mais tarde se virar contra os seus irmãos de luta — era frequente assistir a reuniões públicas de trabalhadores, supostamente com o fito de discutirem assuntos do seu interesse, hábito salutar este que tinha recebido um novo impulso na década de 1790, com o dealbar do ideário da Revolução Francesa. Ao abrir a porta, na descrição emblemática de Bamford, a fim de tentar participar nessas reuniões, e num ambiente perfeitamente identificável com o dos nossos tempos, embatia-se com um muro de nevoeiro formado pelos muitos fumadores que enchiam a sala, um conjunto de "núvens de odor abominável".

"Cada um tinha a sua cerveja à frente; muitos falavam ao mesmo tempo, e o ruído e a confusão eram tão grandes que davam a ideia de haver mais quem falasse do que quem pensasse — mais quem falasse do que quem ouvisse."

Ao começar formalmente a reunião, com a nomeação do seu Presidente, uma espécie de silêncio envolvia a assistência, embora não por muito tempo. Ao discurso inaugural oficial seguia-se a aprovação de uma resolução a favor da reforma parlamentar, da qual resultava a confusão das contra-propostas ou das emendas, dos apoios a umas e outras, aos pontos de ordem à mesa, até à chegada daqueles cidadãos que iriam ser as estrelas da noite. Destas pessoas, alguns dos mais conhecidos radicais da época, a opinião de Bamford era a pior possível, concluindo a análise do valor desta sessão com a conhecida fábula dos cegos em que um cego guia a outro cego em direcção ao inexorável barranco. Na opinião do tecelão do Lancashire, o condado mais importante da indústria têxtil, ao começar a escrever a sua autobiografia em 1839, o barranco que esperava estes cegos tinha uma profundidade proporcional à fraca capacidade de chefia daqueles que serviam nessa altura de ídolos para as massas trabalhadoras mas cuja vaidade e jactância abortavam qualquer eficácia da sua acção política. Curiosamente, algumas linhas a seguir, é altura para Bamford mostrar a sua violenta indignação contra a Câmara dos Comuns e o sórdido espectáculo de uma das suas sessões que lhe fora dado testemunhar: "E são estes, pensei eu, os seres a cujas leis temos de obedecer? É esta 'a mais ilustre assembleia de homens livres do mundo?'" Fossem quais fossem as desilusões com a aparente ineficácia do movimento operário que lançavam o tecelão do Lancashire nos braços da ironia e do sarcasmo, não havia dúvidas de que, pelo menos de momento, o inimigo comum residia nesta Câmara e neste regime que era necessário reformar urgentemente.

Francis Place, que viria a ser conhecido mais tarde como "o alfaiate radical de Charing Cross", e cuja controversa autobiografia tem sido fonte de vária polémica, especialmente

respeitante à sua particular visão de aspectos da política do seu tempo, deixou um curioso retrato da taberna que seu pai explorava durante a década de 1780, quando Place teria entre dez e quinze anos de idade. O futuro membro da Sociedade Correspondente de Londres, na qual seria admitido em 1794 — Sociedade esta paradigmática da luta dos trabalhadores londrinos nesta década — conduz-nos pela porta de entrada de "The King's Arms" para nos mostrar o salão do rés-do-chão da taberna. Com uma decoração requintada fora de vulgar para a sua época, os bancos que se alinhavam ao longo das paredes eram almofadados e revestidos a couro, tendo como complemento um número necessário de mesas de mogno. Totalmente aquecida durante o tempo frio por uma lareira poderosa à frente da qual não era permitido a ninguém estacionar, não admiraria que a sala atraísse os vizinhos todas as noites, onde muitos dos quais ceavam.

A taberna deixara de ter também uma das funções que mais lhe maculara a fama anteriormente, ou seja, ser o local para onde eram arrebanhados todos os homens que tinham tido a desdita de cair nas mãos dos grupos de violentos marinheiros que os obrigavam, à força, e sem qualquer aviso prévio, a alistar-se na Marinha de Guerra. Liberta desse pesado e opressivo ambiente de violência, a taberna pudera então albergar, no andar de cima, onde existiam dois salões de diferentes dimensões, vários grupos ou clubes que contratavam a forma de arrendamento com o taberneiro. Place recorda que, às segundas e sextas-feiras à noite, se reunia na sala maior um clube de *punch*, das oito da noite até à meia-noite ou duas da madrugada, ou seja, quando todos os membros, num total de cerca de trinta, tivessem atingido o estado de total inconsciência que advinha do consumo excessivo e dos subsequentes efeitos do *punch*. A popularidade destes clubes, bem como a do *punch* que o pai de Place servia, enchiam o andar de cima todas as noites, onde também se reunia, por exemplo, um clube para jogar a lotaria, algo semelhante ao "bingo" de hoje.

Lugares de uma convivialidade total entre homens, pois raramente se mostrava aí o sexo feminino, estas reuniões de clubes especificamente com o fim de proporcionarem aos seus membros a passagem de alguns bons momentos, facilmente descambavam em alcoolismo permanente. Daí que um homem sóbrio como William Lovett quisesse avisar "os jovens e os desmiolados" contra os perigos desses locais cujas atraentes condições de convivialidade lhes inculciam hábitos de alcoolismo e dissipação. Mas não era só por razões de saúde que Lovett advogava a rejeição desses clubes pela juventude. Na sua mira estavam principalmente as agremiações dedicadas a reuniões cantantes, ou os chamados "Free-and-easies", locais em que, como a designação indica, se preconizava a maior liberdade e o maior à-vontade para a clientela, não por parte dos donos dessas tabernas, sempre receosos de lhes ser

negada a renovação da necessária licença, mas por parte dos clubes que aí faziam as suas sedes.

Mas para além dos hábitos de alcoolismo e dissipação que podiam esperar os mais incautos membros destes clubes, o verdadeiro perigo residia no enraizamento de hábitos políticos tão radicais que levassem somente em conta a destruição do regime vigente por meio de métodos que pouco tinham a ver com a moderação da luta política que tanto Place como Bamford ou Lovett sempre advogaram.

Segundo Iain MacCalman, um dos ensaístas mais sólidos nas suas contribuições para a descoberta e estudo do mundo subversivo dos inícios do século XIX na Inglaterra, o sub-mundo da subversão política de Londres teria começado a ser institucionalizado em 18 de Março de 1801, se é que alguma data se pode colocar, quando Thomas Spence decidira estabelecer uma sociedade para a disseminação dos seus projectos de reforma agrária sob a forma de um desses clubes "Free-and-easy". Para esta espécie de institucionalização de uma das mais significativas de entre as componentes deste mundo subterrâneo teriam contribuído dois factores fundamentais. Por um lado, a grande atracção que Spence vinha exercendo em certos espíritos mais afoitos a arrostar com os perigos de irritar um Estado vigilante, já que o jacobinismo de inspiração francesa liberal, na esteira da obra política do conhecido panfletário Thomas Paine, não tinha respostas para as acções subversivas que estes revolucionários julgavam necessárias. Por outro lado, a experiência tida já com este género de clubes parecia mostrar serem as organizações ideais para fazerem face às circunstâncias dos tempos mais repressivos que agora se atravessavam. Este género de clubes de convívio ou de debate, alguns dos quais tinham atingido uma notória proeminência, eram característica essencial da fase inicial do jacobinismo britânico, especialmente como locais de aprendizagem cívica e política, não renegando nunca os seus aspectos lúdicos, pois teriam sido estes que, antes do advento da Revolução Francesa, teriam suprido de algum modo as panaceias que ajudavam a amaciar as agruras da vida.

Com a entrada em vigor das "Duas Leis", em 1795, proibindo a livre expressão pública das ideias, conjuntamente com a grande imigração irlandesa de 1796-98, os aspectos de maior convivialidade destes clubes acentuaram-se, passando a ser à superfície a única finalidade da sua existência. Com a lenta mas segura formação de sociedades secretas como a dos Ingleses Unidos, seguindo o exemplo das suas congéneres irlandesas, que era sabido reunirem-se em certas tabernas disfarçadas de clubes "Free-and-easy", esta actividade generalizou-se e aprofundou-se entre os anos de 1798 e 1803.

Desde aquele ano, crucial no confronto entre as autoridades e as sociedades secretas revolucionárias, que muitas tabernas e outros locais públicos do género vinham recebendo pequenos grupos cuja actividade, aparentemente inocente, não colidia com a legislação que, a partir de 1795, reprimira a possibilidade de expressão política em público. A lei contra as reuniões sediciosas, por exemplo, requeria que um magistrado autorizasse por escrito, o que nunca acontecia, as reuniões dos clubes de debate ou as palestras para cuja entrada se pagasse bilhete e onde fossem discutidos assuntos relacionados com a política. Para além disto, a mesma legislação proibia também reuniões públicas cujo número de participantes excedesse as cinquenta pessoas. Estas situações previstas na lei, como se pode verificar, eram difíceis, senão impossíveis, de aplicar ao caso dos "free-and-easies". A sua proliferação e capacidade de se movimentarem de uma taberna para outra dava aos pequenos grupos que assim se reuniam uma maleabilidade que, facilmente, passava por entre as malhas da justiça. Para além do mais, os clássicos debates e palestras da década de 1790 tinham sido substituídos por brindes e canções, os quais, embora de marcado sabor anti-situacionista, faziam parte de um desculpável ambiente pseudamente festivo que envolvia estas reuniões.

Já não tão desculpável, embora nunca objecto de uma descoberta flagrante, eram os rumores, em grande parte fundados, da existência de treinos de carácter militar efectuados pelos membros desses pequenos grupos. Thomas Spence já tinha sido preso em 1794 sob suspeita de albergar em sua casa um grupo para-militar que, frequentemente, se entregava a esse tipo de exercitação. Outro grupo, observado por um espião em 1798, fazia questão em começar a cantar imediatamente após o treino militar que executava nos jardins da própria taberna em que se abotelava. Mas para Spence, e certamente também para muitos dos que o seguiam, os brindes e as canções tinham um propósito mais profundo para além da simples convivialidade. Depois de uma experiência de vários anos, escreveria o seu principal discípulo, Thomas Evans, em 1811, na sua "Carta à Humanidade":

"Mesmo que só dois ou três se juntem para uma causa tão boa, alguma benesse receberão. Mesmo nas modernas Tiránias da China, da França, da Turquia, etc., o que poderá impedir os membros de pequenos Grupos de se reunirem em convívio livre e pacífico ["free-and-easy"] e de cantarem os seus Direitos, instruindo-se uns aos outros com as suas Canções? Poderão os Tiranos impedir que as pessoas cantem no Trabalho ou em Família? Se a resposta for não, deixa-te de desesperos e começa imediatamente, já se perdeu muito tempo. Canta e reúne-te, reúne-te e canta, e cair-te-ão as Algemas tal como Fio queimado."

Era o regresso, verdadeiramente, embora sob circunstâncias muito mais adversas, ao papel fundamental que fora dado a este tipo de organização aquando do seu nascimento em Outubro de 1791, em Sheffield. A Sociedade Constitucional da cidade, constituída fundamentalmente por cutileiros e membros da pequena burguesia local e dos arredores, pusera em execução um plano que todas as organizações congéneres tinham posteriormente seguido na Grã-Bretanha. Verificando que a falta de conhecimentos entre as massas populares era a fonte de grande parte dos males de que essas mesmas camadas populacionais sofriam, a Sociedade subdividiu-se em grupos de dez pessoas que, quinzenalmente, se reuniam numa taberna. Aí, e porque a quase totalidade dos membros era analfabeta, ouviam a leitura de um texto de autor radical cujas ideias discutiam. Assim se foram formando muitos interesses e se foi desenvolvendo uma escola popular que ia suprimindo, conforme as circunstâncias do momento, a falta generalizada de instrução em que o Governo apostava. Apesar das vicissitudes por que este modelo foi passando durante a década de 1790 até à proibição total de qualquer tipo de reunião para a discussão ou debate de assuntos políticos, em 1795, aquilo que é indubitável é a sua eficácia, único contacto verdadeiro que muitos trabalhadores, artesãos e aprendizes foram tendo com uma cultura política que, de outra forma, lhes teria sido forçadamente alheia.²

Existe agora, curiosamente, uma grande diferença na concepção de Spence, através da escrita de Evans, fruto da evolução dos tempos. Ao passo que, mesmo anteriormente a 1791 e até 1798, embora com alguns sobressaltos sérios, é a França e o seu ideário revolucionário a fonte de toda a inspiração política destas camadas populacionais, Evans, no pequeno extracto acima, incluiu essa mesma França entre as "modernas Tiránias", ou seja, fazendo grupo com a China e a Turquia, especialmente esta última, modelos já clássicos de tal situação. De facto, a desilusão com a actual situação política da França era generalizada, sendo a queixa mais vulgar a falta de cumprimento das promessas revolucionárias mais ardentes do início da Revolução Francesa. Isto não impediria, mesmo assim, de continuar a haver contactos com os meios revolucionários franceses com vista a uma invasão da Inglaterra, única e desesperada via que muitos jacobinos ingleses encaravam ainda como solução política para o seu país, embora Evans fosse totalmente contra esta ideia.

Entretanto, continuava a batalha pela educação política. Já que agora não se tornava possível, como já vimos, uma influência mais generalizada neste campo sobre grandes massas

² Para mais detalhes sobre este assunto, ver o capítulo "A breve primavera", *passim*, no 1.^o volume da obra atrás referida, *Razão e Direitos (1789-1802)*.

populacionais, como tinha sido o caso em 1792-5, a preocupação que Spence e os seus seguidores mais evidenciavam era a possibilidade de se constituírem em guarda avançada, intelectualmente mais desenvolvida, que levasse a bom termo, através da auto-educação política, o "Plano de Spence". Já os Ingleses Unidos, ou a organização congénere dos Filhos da Liberdade, tinham demonstrado grande interesse, segundo os relatos dos espões que os seguiam para todo o lado, na difusão do saber e da verdade e até na criação de escolas a nível nacional.

É esta mais uma tradição de que a década de 1790 é responsável. Mais uma vez, esta tradição teve a sua origem na obra de Thomas Paine publicada em 1791-2, *Direitos do Homem*. No segundo volume (1792), Paine pormenoriza um plano de assistência social que iria servir de modelo, já no século XX, aos primeiros passos do Estado-Providência lançados pelo Ministro Lloyd George em 1909. O filho do fabricante de espartilhos de Thetford, East Anglia, que conhecera bem as dificuldades que os pais tinham tido em lhe dar a pouca instrução a que, quando criança, tivera acesso, sublinharia no seu plano de assistência social a premente necessidade de ter em conta a educação das crianças. Assim, todas as que estivessem em idade escolar, e até aos catorze anos, receberiam quatro libras anuais, uma quantia bastante considerável, a fim de que os pais os pudessem mandar para a escola para aprenderem a ler, a escrever e a adquirirem noções de aritmética comum. Esta obrigatoriedade seria vigiada e sancionada pelos vigários de todas as paróquias.

Contrariamente à política "oficial" que achava que as crianças deveriam aprender a ler com o fito único de lerem a Bíblia (e aprenderem-na de cor), e que não deveriam aprender a escrever pois que esse conhecimento as poderia tornar fanáticas da política, Paine considerava que a aprendizagem dessas técnicas representaria um futuro incomparavelmente melhor para as classes mais depauperadas. Tendo em conta que, numa população de cerca de sete milhões de pessoas, um número de crianças estimado em um milhão e trinta mil seria atingido por estas medidas, Paine podia anunciar o desenvolvimento intelectual das gerações através da educação:

"Adoptando este método, não só se aliviará a pobreza dos pais, como se expulsará a ignorância das gerações que estão em crescimento, e o número de pobres diminuirá pois que as suas capacidades, com a ajuda da educação, serão maiores."

Este conjunto de medidas, juntamente com outras que Paine também propôs em relação aos jovens e aos velhos, para além de outros grupos sociais, fez com que esta obra alcançasse um êxito extraordinário entre as classes mais desprotegidas através da sua

divulgação feita pelas associações populares. Aquilo que se pode verificar é que, apesar de todas as repressões legais ou não, o espírito que se foi criando quanto à necessidade da educação para a libertação do ser humano é um dado adquirido na luta subterrânea destas associações.³

Todos estes homens que nos surgem como participantes das actividades destes "free-and-easies" tinham tido qualquer forma de contacto com este modo de encarar esta libertação das gerações de que Paine falara, ou tinham mesmo sido formados com essa ideia em mente. Daí que, neste mundo da clandestinidade a partir de 1798, estas associações, sempre que podiam, distribuíam material impresso revolucionário, desde o texto utópico de *As Ruínas*, do popular autor francês Conde de Volney, até a *A Idade da Razão*, de Paine, que tantos deístas havia de formar, passando por folhetos com baladas, versos e canções, entre as quais de destacava a famosa "Ça ira" dos revolucionários franceses do princípio da Revolução, bem como a não menos famosa "Erin go bragh", um hino à Irlanda por libertar.

Há uma continuidade, que não uma ruptura, entre as táticas utilizadas por estas associações dos fins do século XVIII e a concretização das ideias de Spence até à sua morte em 1814. Vivendo, ou tentando sobreviver, debaixo de um clima repressivo, seria natural que o principal objectivo da sua acção política fosse a educação e também a propaganda do seu "Plano". Os "free-and-easies" tornaram-se, pois, responsáveis indetectados da publicação e da disseminação de versos originais de Spence ou de outros elementos dos grupos, adaptados à música das baladas populares que constituíam há muito património decorado pelos pobres. De novo encontramos o pequeno livro, o folheto, o cartaz, a folha volante, os *graffiti*, como meios de divulgação de uma ideia principal, a qual, neste caso, era o "Plano de Spence". No rol destes modos de contactar o público em geral, também se deverão inserir os pequenos medalhões de metal que o próprio Spence concebia e cunhava com frases lapidares contra a situação e que ainda hoje fariam as delícias de qualquer coleccionador que as conseguisse encontrar. Para além do mais, e com redobradas cautelas, alguns tópicos eram propostos e debatidos nas reuniões, tópicos estes que tinham principalmente a ver com a divulgação da obra de Spence.

Mas a convivialidade das reuniões dos "free-and-easies" era provavelmente aquele aspecto que mais atracção causava tanto em quem observava essas reuniões do exterior como em quem participava nelas. Para alguém que viesse de fora e que não aparentasse,

³ Para mais detalhes sobre este tema, consultar o capítulo "A breve primavera", *passim*, no 1.^o volume desta obra, *Razão e Direitos (1789-1802)*.

pela sua maneira de vestir, uma situação social superior, haveria por vezes uma surpresa — a de ser convidado a ajurar-se para entrar na sociedade. Esta atitude, que se pode considerar como reflectindo um sentido de solidariedade entre pessoas da mesma condição, revela também uma perigosa inocência em relação ao já conhecido e activo sistema de espionagem organizado pelo Governo.

No caso do soldado Robert Tomlinson, foi esta atitude que fez com que o seu testemunho passasse a ser crucial no resultado trágico do julgamento do Coronel Edward Despard. Ao lhe perguntarem se desejaria ser ajuramentado na taberna de Windmill Street, onde Despard se reunia em conspiração com quarenta outros soldados, Tomlinson quis saber o que era esta associação, ao que lhe responderam tratar-se de um clube para derrubar o Governo e para fazer a Inglaterra igual à França.

Mas embora este detalhe fosse essencial para condenar Despard à morte, a grande maioria dos relatórios dos espões sublinhava, inequivocamente, que os participantes, em geral, se divertiam imenso. A descrição de uma reunião típica deste género por um dos espões presentes assim o sublinha.

John Williamson, o referido informador, chegou à taberna de "Watermans Arms" por volta das sete da noite de um dia de Setembro de 1817, e conversou e bebeu na sala de entrada enquanto que o salão do primeiro andar se ia enchendo. Uma hora depois de ter chegado decidiu subir, não sem antes pagar ao dono do estabelecimento o consumo mínimo (referente a tabaco). O salão do andar de cima estava a abarrotar com cerca de 140 pessoas. Ao iniciar-se a sessão, o presidente da mesa, depois de pedir silêncio, abriu os trabalhos cantando uma canção sobre "o gordo suíno de Hyde Park", obviamente uma referência ao enorme físico do Príncipe Regente, o futuro Jorge IV. Recentemente, a reputação pública do Príncipe tinha atingido o seu ponto mais baixo de sempre, devido não só aos seus excessos públicos de toda a ordem à custa dos dinheiros que lhe eram votados por um Parlamento também corrupto, mas ainda devido à cobertura oficial que ia dando a todos os actos repressivos que o Governo engendrava. No seguimento desta canção jocosa, outras se seguiram, todas elas sublinhadas por brindes que iam sendo dados acompanhados de cerveja. Os espão recordou-se particularmente do que fora dado pelo presidente da mesa que desejava "Que da Pele dos Tiranos se faça Pergaminho e que nele se inscrevam os Direitos do Homem."

A tradição dos brindes que eram dados nestas ocasiões em que, mesmo aparentemente em segundo plano, as questões políticas eram essenciais, existia em Inglaterra desde finais do século XVI como plebeia imitação satírica dos brindes dados aos jantares das forças leais

ao Governo. Foi nas tabernas e cafés que esta tradição se foi consolidando, ⁴ chegando ao fim do século XVIII e inícios do XIX como verdadeira arte de humor popular. Como em todos os outros aspectos culturais, também aqui teve influência decisória a Revolução Francesa pela profundidade do sarcasmo político que acrescentou a este aspecto interventivo. Desde o seriíssimo brinde de Thomas Paine dado em 1792, "À Revolução do Mundo", até àquele que o tristemente famoso espião John Castle, membro de um clube Spenceano e principal interveniente na tristemente célebre conspiração da Rua Catão (1820), vai toda a história do brinde político radical. Castle ficaria responsável pelo famoso brinde "Que o último dos reis seja estrangulado com as tripas do último dos padres", mas os Spenceanos, bem como os radicais da década de 1790, não lhe ficariam atrás em espírito inventivo.

Voltando à reunião da "Watermans Arms", seria natural que o ruído do andar superior chamasse a atenção das restantes pessoas na taberna. Denunciando as suas simpatias políticas, ou demonstrando somente um interesse comercial no grande número de clientes que lhe enchia o andar de cima, o dono da taberna subiu para avisar do perigo de cantar tais canções e de propor semelhantes brindes pois que, no andar de baixo, estavam agora alguns oficiais. Como reacção imediata, e depois da sintomática saída apressada de alguns, foi cantada outra canção que, politicamente, poderia considerar-se correcta. Tentando, de seguida, abrir um debate contra o Governo, o presidente da mesa não conseguiu convencer a assistência a segui-lo e a reunião terminou, por volta das onze horas, no meio de grande algazarra e boa disposição.

Não admira, pois, que reuniões destas, mesmo pendendo sobre elas algum perigo de intervenção policial, tivessem atractivos tais que pudessem mesmo adiar *sine die* uma discussão política proposta pelo próprio presidente da mesa. O gozo das canções e dos brindes contra figuras gradas da política e da religião, incluindo o Príncipe Regente, o ambiente de grande liberdade participativa tanto na feitura dessas canções como na dos brindes, bem como a possibilidade eventual de doutrinação política (ou mesmo religiosa) sempre interessante, — e já sem mencionar os efeitos da cerveja ou do "punch" — eram ingredientes altamente convincentes do interesse em se participar em tais reuniões. Daí a assistência atingir quase centena e meia de pessoas num local tão público como o "Watermans Arms".

⁴ Para este assunto, ver o capítulo introdutório "Dos cafés e dos homens" inserido no 1.^o volume desta obra, *Razão e Direitos (1789-1802)*.

Mas a aparente atracção desta superficialidade era mais enganosa que real. Na verdade, e embora houvesse sempre aqueles para quem este convívio lúdico era mais do que essencial, vários grupos de díspares tendências não mostravam pejo em juntarem os seus esforços para o mesmo fim subversivo.

O ano de 1798 caracterizara-se, entre outros factos importantes, pela revolta na Irlanda, pelo desencadear das prisões de elementos afectos, de uma maneira ou de outra, às sociedades políticas populares, secretas ou não, e também por uma vaga generalizada de medo de uma invasão francesa na Inglaterra. Este medo, muito presente e marcado nas atitudes do dia-a-dia das classes sociais mais elevadas, para além de ser exacerbado por boatos de uma veracidade plausível face ao que de mais fora de comum ia acontecendo, tinha sido também "oficializado" por duas obras que, nesse mesmo ano, obtiveram extraordinário êxito. De ambas se diluía nos espíritos de vários milhares de pessoas que as terão lido a sensação, mais, a certeza, de que a Inglaterra se tornara o alvo principal de uma conspiração do jacobinismo internacional, teimosamente apostado não só em subverter todas as boas ideias respeitantes à governação, como também em destruir toda a religião e a moralidade, sem esquecer os laços mais sagrados da vida doméstica, os do casamento. Esta denúncia terrivelmente alarmante era o prato principal da popular obra de John Robison, *Provas de uma Conspiração contra todas as Religiões e Governos da Europa* (1798), que reflectia muita da doutrina oficial do Estado em relação ao jacobinismo interno e externo, doutrina esta que era conspicuamente alardeada na *Revista e Magazine Anti-Jacobino*, cujo último número (de Julho de 1798) lançava este sério aviso final a todos os seus leitores:

"[o êxito das sociedades leais e patrióticas] ensinou-nos a considerar como aniquilado aquele que estava somente reduzido compulsivamente a um estado de inactividade; tornou-vos cegos em relação ao verdadeiro carácter do inimigo que recentemente tínheis encontrado; induziu-vos a considerar a ideia errónea e muito perigosa de que era possível convencê-lo a abandonar os seus princípios, ou que, pelo menos, tendo sido completamente derrotado, nunca mais tentasse recompor-se, desistindo do seu combate em desespero de causa. Supor uma coisa destas é totalmente incompatível com a natureza do jacobinismo, do qual o principal ingrediente é a agitação; por conseguinte, todo ele é vigilância, actividade; derrotai-o sob uma forma e ele aparece logo noutra; os canais que utiliza são tão numerosos como tortuosos; [...]. Ficai convencidos desta verdade — OU VÓS O DESTRUÍIS, OU É ELE QUE VOS DESTRÓI."

Mas não ficou por aqui a grande influência que este tipo de literatura teve na mente do público. Talvez que a maior autoridade neste assunto fosse granjeada pelo Abade Augustin Barruel com a sua obra em quatro volumes *Memórias Ilustrativas da História do Jacobinismo*, traduzida do francês e editada na Inglaterra também em 1798. Nesta obra, a suposta autoridade histórica deste membro da Igreja Católica francesa denunciava os propósitos secretos daquela filosofia diabólica:

"O resultado das nossas investigações, corroborado pelas provas obtidas nos registos dos jacobinos e dos seus primeiros mestres, foi o de que esta seita com as suas conspirações não é mais do que a aliança de uma tripla seita, de uma tripla conspiração, e na qual, muito antes da revolução, se tinha debatido e decidido a destruição do altar, a ruína do trono e a dissolução de toda a sociedade civil."

Neste mesmo ano, William Hamilton Reid foi preso durante uma das incursões policiais contra os Ingleses Unidos e contra os membros da Sociedade Correspondente de Londres, durante as quais também Thomas Spence e Thomas Evans tinham sido presos. Convencido por meios persuasivos, como muitos outros melhores do que ele o tinham sido e o seriam ainda, de que estava no lado errado da luta política, Reid publicaria em 1800 um pequeno volume, que é o único relato em primeira mão, ou assim se julga — dando-se embora margem para as dúvidas habituais — do ambiente das tabernas e dos clubes que levariam às situações a que atrás nos vimos referindo. Neste seu livro, *Ascensão e Dissolução das Sociedades Ateias desta Metrópole*, Reid, nitidamente inspirado nas teorias alarmistas de Barruel, afirmava terem existido três componentes formativas do movimento das sociedades populares durante a década de 1790: o elemento artesão envolvido num republicanismo à francesa, ou *à la Paine*, vários grupos de ateus, de deístas, ou de livres-pensadores políticos que se dedicavam à subversão moral e intelectual, e um terceiro elemento de entusiastas religiosos também interessados na destruição da ordem estabelecida. Convergiam, assim, na blasfémia, no milenarismo e na sedição *tout court*, estas vontades de insurreição em segredo. Reid parecia particularmente preocupado com a irreligiosidade que estas sociedades ou clubes demonstravam, situação esta que parecia confundir com a sua adesão inusitada ao deísmo, cuja causa próxima se poderia referenciar directamente à publicação e disseminação popular de outra obra de Thomas Paine, *A Idade da Razão* (1794-5).

Aliás, segundo Reid e outros testemunhos directos, especialmente de informadores dos anos seguintes, as reuniões constituíam uma ocasião excelente para a venda de todo o género de folhetos, panfletos e livros, cujo preço variava entre um e três dinheiros, autênticas

pechinchas mesmo para o magro bolso dos participantes. Os vendedores ambulantes deste tipo de literatura encontravam, pois, na numerosa frequência destas reuniões e na sua multiplicidade durante os vários dias da semana, uma forma confortável de escaparem à vigilância policial que os escolhia nas ruas, onde exerciam normalmente a sua profissão, como alvos preferenciais da sua sanha anti-radical. Não admira, pois, que em algumas ocasiões fossem detectados cerca de 150 vendedores numa só reunião, uma verdadeira feira do livro subversivo.

Deste género de literatura podemos destacar as colecções de canções que Spence e os seus seguidores compunham, obras do próprio Spence e do seu grupo quer resumidas quer em formato completo, bem como obras de outros autores que eram assíduos "frequentadores" destas reuniões desde o início da década de 1790: d'Holbach, Voltaire, Helvetius, Rousseau, Volney, Paine, Godwin e vários outros.

Pelo que se viu, estas reuniões cumpriam uma função multifacetada cujo objectivo final era a criação de uma nova cultura, tantas vezes chocante, sob vários aspectos, em relação à cultura oficial e, através dela, de uma nova cidadania, revoltada mas também extremamente revoltante para o *status quo*, dado que, no relato de um dos vários informadores, os participantes se mostravam dispostos a "tornarem-se discípulos das Teorias mais aleatórias e maléficas que jamais destruíram a Felicidade Social da Sociedade Civil".

Mas era, por antinomia, esta mesma "Felicidade Social da Sociedade Civil" que preocupava estes homens na descoberta, ou redescoberta, do seu destino, ao fim e ao cabo uma tradição tão antiga como a vida humana do espírito. A revolta que traz a negação do destino é, da mesma forma, vetusta, acolitando-se debaixo da protecção de uma fé, ou de um símbolo qualquer, que pareça vir dar soluções aos objectivos dessa mesma revolta.

Se na Inglaterra, para dar um exemplo mais perto de nós, esta tradição se pode encontrar, por um lado, na intensa religiosidade populista de um Paul Bunyan, salvador de almas para um mundo facilmente melhor, também se acolhe, pelo lado mais prático, à sombra de outros heróis aparentemente mais palpáveis embora, na realidade, tão míticos como quaisquer outros de qualquer mitologia. Fugazes e pouco visíveis, especialmente para quem não as quiser ver, as suas figuras passam por estes poucos anos como se de um sopro se tratasse. Mas se é que foram simples sopro, foram-no de vida intensa — e mesmo duradoura — na procura do mais íntimo significativo da dignidade humana.

BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA

- Alves, H. O., 1982, *The Painites. The Influence of Thomas Paine in Four Provincial Towns: 1791-1799*, Braga, Universidade do Minho.
- Alves, H. O., 1999, *Razão e Direitos. A Influência da Revolução Francesa em Inglaterra, 1789-1802*, Vol. I, Figueira da Foz, Cemar.
- Alves, H. O., 2002, *As Carroças da Subversão. A Influência da Revolução Francesa em Inglaterra, 1803-1822*, Vol. II, Figueira da Foz, Cemar.
- Bamford, S., 1984, *Passages in the Life of a Radical*, Oxford, OUP.
- Brown, H. P., 1991, *Egalitarianism and the Generation of Inequality*, Oxford, OUP.
- Claeys, G., 1989, *Citizens and Saints*, Cambridge, CUP.
- Dickinson, H. T., 1985, *British Radicalism and the French Revolution*, Oxford, Basil Blackwell.
- Dickinson, H. T., 1994, *The Politics of the People in Eighteenth-Century Britain*, London, Macmillan.
- Goodwin, A., 1979, *The Friends of Liberty*, London, Hutchinson.
- Halévy, E., 1967, *England in 1815*, London, Ernest Benn.
- Lovett, W., 1967, *Life and Struggles of William Lovett*, London, Macgibbon & Kee.
- Macleod, E. V., 1998, *A War of Ideas. British attitudes to the wars against revolutionary France, 1792-1802*, London, Ashgate.
- McCalman, I., 1988, *Radical Underworld. Prophets, Revolutionaries and Pornographers in London, 1795-1840*, Cambridge, CUP.
- Mccann, A. 1998, *Cultural Politics in the 1790s*, London, Macmillan.
- Panayi, P., 1993, *Radical Violence in Britain*, London, Printer Publishers.
- Parssinen, T. M., "The Revolutionary Party in London, 1816-1820", *Bulletin of the Institute of Historical Research*, vol.14 (1972), 266-82.
- Thale, M., 1972, *The Autobiography of Francis Place*, Cambridge, CUP.
- Thompson, E. P., 1976, *The Making of the English Working Class*, Harmondsworth, Penguin.

Wells, R., 1986, *Insurrection. The British Experience, 1795-1803*, Gloucester, Alan Sutton

Worrall, D., 1992, *Radical Culture, 1790-1820*, Harvester Wheatsheaf.

Wright, D. G., 1988, *Popular Radicalism*, London, Longman.